

760303

The Discourse of Samora Machel

Devemos defender a nossa pátria atacada, devemos apoiar o
combate justo do povo do Zimbabwe

Tempo [Maputo], no.283, 7 de Março de 1976, p.1-7. [veja Amélia
Souto and António Sopa, *Samora Machel: bibliografia, 1970-1986*
(Maputo: Centro de Estudos Africanos, 1996), item 10, p.3]

Communiqué to the nation about the aggression unleashed by the minority
Smith regime against Mozambique, delivered in the presence of the Council of
Ministers, and high level party and army officials. Announces the closing of
the frontiers with Rhodesia. This important text was published widely in
Portuguese and English as a pamphlet, in *Notícias, Notícias da Beira*, by
MAGIC, and so on.

Dr. Colin Darch
72 Milner Road
Rondebosch 7700
Tel.686-3691

DEVEMOS DEFENDER A NOSSA PÁTRIA ATACADA DEVEMOS APOIAR O COMBATE JUSTO DO POVO DO ZIMBABWE

T.(283)
7/3/76

● **Comunicação à Nação do Presidente da República fase à guerra de agressão desencadeada contra a República Popular de Moçambique pelo regime criminoso de Smith.**

O Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Camarada Samora Moisés Machel, na presença dos membros do Conselho de Ministros, Quadros superiores do Partido, do Estado e das Forças Populares de Moçambique, fez no passado dia 3 a seguinte comunicação à Nação.

Camaradas membros do Comité Central;
Membros do Comité Executivo;

Camaradas Membros do Conselho de Ministros;

Camaradas Responsáveis do Partido, Estado e das FPLM;

Excelências, Senhores Embaixadores e Encarregados de Negócios acreditados na República Popular de Moçambique;

Senhores membros da Imprensa nacional e estrangeira;

Compatriotas:

Em nome do Comité Central da FRELIMO e do Conselho de Ministros da República Po-

popular de Moçambique venho informar-vos que moçambicanas, moçambicanos, homens, mulheres, velhos, crianças estão a ser mortos, O nosso território está a ser atacado, o nosso Povo está a ser massacrado, a República Popular de Moçambique está a ser agredida.

O regime criminoso e irresponsável de Ian Smith desencadeou uma guerra de agressão contra a República Popular de Moçambique. Menos de dezoito meses depois de ter assinado o acordo de Paz com Portugal, de novo o Povo moçambicano é forçado a fazer face às agressões desesperadas dum colonial-fascista.

Depois de uma longa série de provocações armadas contra a República Popular de Moçambique, na noite de 23 para 24 de Fevereiro, as forças do regime racista de Ian Smith desencadearam um ataque em larga escala contra o território nacional, concentrado contra as povoações de Pafúri e Mavué. O ataque iniciou-se às 21 horas do dia 23 e prolongou-se pelo dia 24. No dia 24 tiveram lugar bombardeamentos aéreos. Participaram no ataque aviões a jacto, bombardeiros, helicópteros, tropas de artilharia e infantaria.

Em consequência do ataque criminoso das



forças racistas contra a zona de Pafúri foram mortos:

1. Albertina Maguguzo Cossa, 36 anos de idade;
2. Lucas Valentim Judicio, 36 anos de idade;
3. Picane Milane, 29 anos de idade;
4. Laurentina Valentim, 18 meses.

Foram feridos:

1. Ester Judicio, 60 anos de idade;
2. Muhlave Mulave, 48 anos de idade;
3. Feniase Vilanculos, 22 anos de idade;
4. Phefu Mulave, 21 anos de idade;
5. Berta Nhampule, 19 anos de idade.

Desaparecido:

1. Sabão Munhangane, 65 anos de idade.

No ataque contra Mavuè três mulheres e uma criança foram assassinados e um homem e uma criança de onze anos feridos. Os combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique, com o apoio das forças paramilitares da Alfândega e Migração, repeliram o invasor, punindo-o severamente, tendo abatido dois aviões a jacto e um helicóptero. Dez combatentes sofreram ferimentos diversos, estando dois deles gravemente feridos. Dois outros camaradas sacrificaram as suas vidas na defesa do Povo e da nossa soberania.

Este acto constitui uma agressão aberta, um acto de guerra. Ele é um verdadeiro crime contra a Paz e um crime de guerra tal como foi definido pelo Tribunal Internacional de Nuremberga.

Por que nos ataca Ian Smith? Por que nos faz guerra o regime racista de Salisbúria? O que o leva a assassinar mulheres e crianças, a queimar casas, a massacrar pacíficos

camponeses?

Para responder correctamente a esta pergunta teremos que dizer que Ian Smith faz isso, porque foi isso o que sempre fez contra Moçambique. Em 1965, quando proclamou a sua pseudo-independência, Ian Smith engajou-se na guerra colonialista portuguesa de agressão contra o nosso Povo. Assim, as suas tropas foram enviadas na época para a Província de Niassa.

Desde então, o regime de Salisbúria habituou-se a cometer crimes contra o nosso Povo, tornou-se um viciado da agressão contra Moçambique. Até ao fim da guerra colonial-imperialista, as forças de Ian Smith participaram em gravíssimos crimes contra o nosso Povo, em Niassa, em Tete, em Manica.

Nos tristemente célebres massacres de Mucumbura, participou activamente a soldadesca de Ian Smith. Em Agosto-Setembro de 1973, as tropas de Salisbúria participaram activamente na grande ofensiva tripartida desencadeada contra o distrito de Zumbo. Em Março-Abril de 1974 foram numerosos os aviões rodesianos abatidos a norte do Zambeze, quando bombardeavam as populações das zonas libertadas e os seus haveres.

Se as provocações e as agressões armadas do regime de Salisbúria diminuíram no período de Transição em favor da subversão, do recrutamento e treino de bandos armados de mercenários e assassinos, elas foram rápida e progressivamente intensificadas no período que se seguiu à independência até atingirem a presente fase de guerra de agressão.

Sem pretendermos fazer uma lista exaustiva das acções inimigas nos últimos seis meses, podemos salientar:

1. Na Província de Tete:

Na segunda quinzena de Agosto de 1975 é detido na zona da Albufeira de Cabora Bassa, um grupo rodesiano que pretendia introduzir ilegalmente na República uma soma equivalente a 35 mil contos em dinheiro rodesiano, destinados à compra de moeda nacional no mercado negro.

Em 27 de Agosto tropas racistas penetram na localidade de Gendo na zona de Luíã e raptam um elemento da população. Dias depois, no dia 30, no mesmo local, assassinam um camponês e ferem dois outros.

Em 1 de Setembro, tropas racistas organizam no nosso território uma emboscada à força que patrulhava a zona de Luíã a Mucumbura e ferem três camaradas.

No dia 20 de Janeiro de 1976, ainda na

zona de Luíã, o inimigo, tendo minado os caminhos, uma patrulha faz deflagrar uma mina antipessoal, tendo um dos nossos combatentes perdido uma perna. Pouco depois duas viaturas com tropas inimigas penetraram em território nacional, apoiadas por dois helicópteros e dois aviões de reconhecimento.

A partir de 17 de Fevereiro, a força aérea começou a violar sistematicamente o espaço moçambicano nas zonas de Mucumbura, Luíã, Chioco e Changara.

2. Província de Manica:

Em 5 de Agosto de 1975, em Vista Alegre, quando a população capinava, as tropas inimigas abriram fogo. Uma patrulha nossa acorreu em socorro e neutralizou o fogo inimigo. No dia seguinte as forças racistas, apoiadas por um helicóptero, penetraram às 9 horas cerca de um quilómetro em território nacional. O helicóptero abriu fogo, atingindo mortalmente um combatente. O inimigo foi repellido às 13,30 horas.

Em 11 de Agosto na mesma zona, um grupo de infantaria inimiga penetrou no território nacional, dirigiu-se para norte de Vista Alegre. As nossas forças intervieram, obrigando o inimigo a retirar-se.

No dia 13 de Agosto, um helicóptero violou o espaço aéreo em Vista Alegre. No mesmo momento em Timba, uma força inimiga de infantaria, tendo penetrado em território nacional para cometer crimes, foi punida por uma patrulha nossa, abandonando quatro cadáveres.

Em 28 de Agosto na mesma zona, o inimigo abriu fogo ferindo um combatente.

Em 31 de Agosto o inimigo penetrou em Timba perto do rio Nhangalula e saqueou uma loja, depois de ferir uma criança no braço e outro nas nádegas, tendo ainda assassinado um camponês de nome Penzura Apalekwamanja. A soldadesca racista manteve-se no território nacional das 9 às 14 horas, abrindo fogo diversas vezes.

Em 14 de Setembro em Rotanda, o inimigo abriu fogo com morteiro de 120 mm. As nossas forças ripostaram tendo obrigado o inimigo à silenciar-se. O inimigo sofreu quatro baixas.

Em 16 de Dezembro em Inhamacaze as forças racistas assassinaram dois civis.

Em 9 de Janeiro de 1976 um avião inimigo viola o espaço aéreo em Espungabera às 10,30 horas. Na véspera aviões inimigos bombardearam uma zona vizinha.

Em 28 de Janeiro uma companhia refor-

çada, com o apoio de 4 helicópteros e 3 aviões penetrou 1,5 quilómetros na zona de Penhalonga.

Em 8 de Fevereiro às 4 horas o inimigo penetrou com dez helicópteros na região de Espungabera, tendo bombardeado a zona de Mude.

3. Província de Gaza:

Em 11 de Novembro de 1975, 4 aviões violam durante quinze minutos o espaço aéreo em Choa, tendo sido expulsos pelo fogo das baterias antiaéreas.

Em 4 de Fevereiro de 1976 cerca das 24 horas polícias racistas tentam penetrar na zona de Malvénia. São repelidos pelos nossos combatentes.

Em 6, 7, 13, 14 e 15 de Fevereiro as nossas forças são obrigadas a abrirem fogo contra aviões inimigos que violam o nosso espaço aéreo.

Em 14 de Fevereiro cerca das 24 horas, o inimigo penetrou na zona de Páfuri com forças de infantaria, artilharia e começou a maltratar as populações. Capturou um camponês, tendo ferido ainda duas outras pessoas, um homem e uma mulher.

As FPLM apoiadas pela Polícia Aduaneira intervieram às 4,20 horas. Dois aviões a jacto e três helicópteros vieram então socorrer o inimigo.

No curso do combate foi abatido um bombardeiro por volta das 13 horas, tendo-se despechado cerca de 10 km já, no interior do território inimigo.

Camaradas, Excelências, Compatriotas:

Este pequeno enunciado não exaustivo das provocações e agressões armadas de Ian Smith, ao longo das fronteiras entre a República Popular de Moçambique e a colónia britânica da Rodésia do Sul, demonstra a persistência do regime racista em querer desencadear uma guerra de agressão contra o nosso Povo e o nosso Estado.

O regime opressor que faz face à insurreição armada do Povo de Zimbabwe, que se encontra isolado internacionalmente, procura resolver as suas contradições internas alastrando o conflito.

A República de Botswana e a República da Zâmbia, têm sido como nós vítimas de inumeráveis acções criminosas por parte do regime de Salisbúria.

Ian Smith pretende negar a justeza da luta de libertação do Povo de Zimbabwe, tentando fazer crer que se há guerra no Zimbabwe é porque forças estrangeiras o querem.

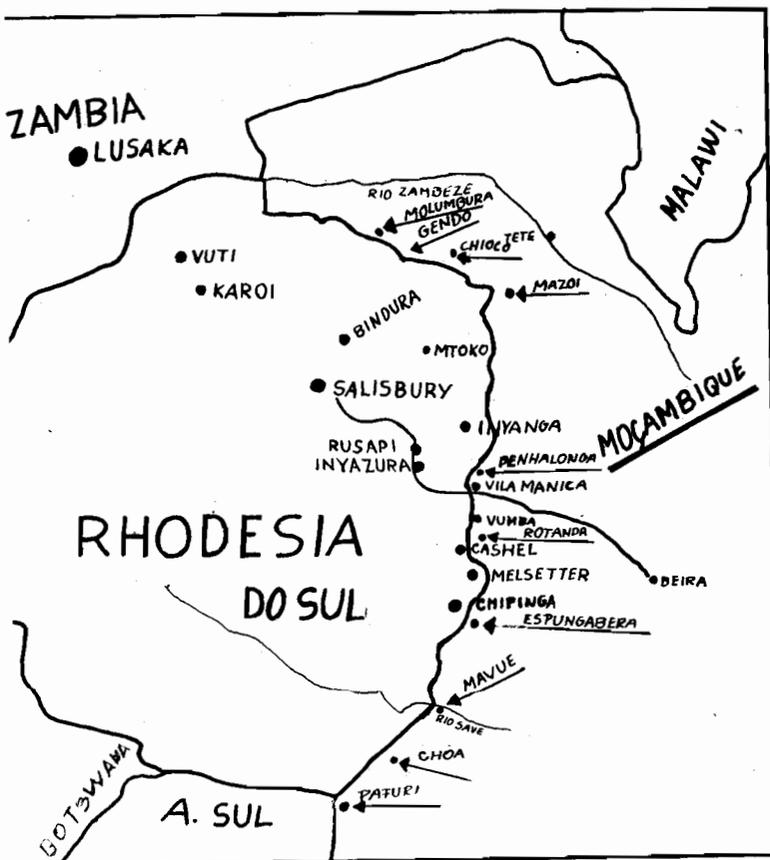
Agindo assim, Ian Smith está apenas a imitar os colonialistas portugueses e outros agressores, que sempre negaram a existência das lutas de libertação.

Ian Smith tenta apagar a fogueira que acendeu com a sua opressão, cometendo crimes, tentando envolver outros países no conflito que desencadeou já na sua terra. Como um louco, ele procura apagar o fogo, derramando gasolina.

Ian Smith quer transferir para o nosso país as contradições e a luta que existem no seu território.

Ian Smith, nos seus ataques criminosos do dia 24, deliberadamente violou o espaço aéreo da África do Sul para nos atacar a partir da África do Sul, a fim de desviar a nossa atenção do alvo, para provocar um conflito maior, um conflito à escala do Subcontinente. No seu desespero de agressor condenado a derrota, Ian Smith procura por todos os meios provocar uma guerra generalizada a toda a África Austral, com a esperança criminosa de travar a sua queda aumentando o número de destruições e de cadáveres.

Fracassará, como sempre fracassaram todos os que se erguem contra os Povos, todos os que



África Austral. No mapa são assinaladas as localidades onde as tropas de Smith violaram o território moçambicano e assassinaram populações

ousam atacar o Povo. Ian Smith será varrido da História, como o foram antes dele outros colonialistas.

A guerra é em Zimbabwe. A guerra resulta da exploração e opressão do regime de Ian Smith contra o Povo de Zimbabwe. A guerra terminará com a vitória inevitável do Povo de Zimbabwe.

Camaradas, Compatriotas:

Libertámos a Pátria do colonialismo. Hoje devemos defender a nossa Pátria atacada, devemos apoiar o combate justo do Povo irmão de Zimbabwe.

Para levarmos a cabo a nossa tarefa, necessitamos da força invencível da nossa unidade, da nossa organização. A nossa liberdade é defendida pela imensa energia criadora do Povo organizado e dirigido pela FRELIMO.

Vamos aplicar a nossa energia criadora, para defender a nossa independência e apoiar os nossos irmãos de Zimbabwe.

Para isso:

1. Nas povoações, nos bairros, nas escolas, nos hospitais, nas fábricas, nos escritórios, nas lojas, nas machambas, nos poços, nos rios, em toda a parte devemos construir abrigos antiaéreos. Com estes abrigos protegemo-nos dos ataques do inimigo.

Construiremos os abrigos depois das horas de trabalho normal.

Intensifiquemos a criação dos bairros comunais que nos permitirão a melhor organização de defesa.

As FPLM devem elevar o seu nível político e técnica militar e apoiar as massas na organização da sua defesa.

2. Devemos ter a produção organizada. Durante a guerra de libertação dissemos sempre: a produção apoia a guerra e a guerra cria as condições para produzirmos melhor.

Por isso:

- devemos acelerar a formação das aldeias comunais, onde organizados produziremos; onde, organizados, nos defenderemos contra o inimigo;
- devemos aumentar a produção nas nossas fábricas;
- devemos tornar mais rápido e eficiente o nosso trabalho nos portos, nos caminhos de ferro, na aviação. Devemos ser mais rápidos e eficientes na construção e reparação de estradas, de casas e prédios.
- queremos que cada trabalhador em con-

junto com os seus camaradas, discuta e encontre os meios de produzir mais, melhor e mais rápido.

3. Por causa da agressão inimiga algumas actividades económicas poderão ficar paralisadas ou baixarem de nível. E como resultado principal disso, compatriotas nossos, trabalhadores, poderão temporariamente ficar desempregados.

É dever de todos nós apoiá-los, criando as condições para que eles possam trabalhar. O trabalho principal que temos, onde as nossas condições nos permitem absorver todos os desempregados, é nas zonas rurais, na agricultura e pecuária. Todos que ficarem afectados no seu trabalho, poderão com o apoio do Estado, organizar-se em Aldeias Comunais e iniciar a produção agrícola e pecuária.

4. Como cumprir o nosso dever internacionalista para com o Zimbabwe?

Apoiando a luta de Zimbabwe, estamos a defender Moçambique. Apoiando o desenvolvimento do combate dos nossos irmãos de Zimbabwe estamos a afastar o inimigo das nossas fronteiras, consolidamos a nossa independência e criamos condições para que se estabeleça a Paz. Por isso, dizemos, o apoio, a solidariedade não são esmola, não são favor, são uma ajuda mútua entre forças que combatem pelo mesmo objectivo.

O nosso apoio ao justo combate dos nossos irmãos de Zimbabwe é:

- Um apoio moral;
- Um apoio político;
- Um apoio material.

Apoiaremos moral e politicamente, organizando-nos nos nossos Grupos Dinamizadores para estudarmos e aprendermos da luta de Zimbabwe, para viver na nossa carne e nervos a luta de Zimbabwe. Apoiaremos cantando sobre a luta e o nosso dever internacionalista de a apoiar; apoiaremos explicando a luta, discutindo sobre a luta; apoiaremos aceitando sacrifícios, superando sacrifícios, para cumprir o nosso dever internacionalista.

Apoiaremos materialmente produzindo, produzindo para alimentar e vestir o nosso Povo, produzindo para alimentar e vestir os combatentes que defendem as nossas fronteiras, produzindo para alimentar e vestir os nossos irmãos guerrilheiros de Zimbabwe. Apoiaremos materialmente reduzindo as nossas importações, deixando de importar o que não seja fundamental para a economia do país.

Apoiaremos materialmente dando todos os meses: a nossa contribuição ao Banco de Solidariedade que criámos em 3 de Fevereiro, Dia dos Heróis Moçambicanos.

Camaradas, Excelências, Compatriotas:

A República Popular de Moçambique existe há pouco mais de oito meses. Desde o início da sua existência que ela declarou com firmeza que o seu dever internacionalista não era objecto de compromissos ou negociações.

Somos ardentes defensores da Paz. Vivemos dez anos submetidos à guerra colonial-imperialista de agressão. Estamos pois bem conscientes dos sacrifícios que a defesa da nossa liberdade e independência exigem.

Mas tudo aceitamos hoje, como ontem o fizemos. As nossas fronteiras foram seladas pelo sangue do nosso Povo. O nosso dever internacionalista foi fecundado pelos inúmeros sacrifícios dos Povos do Mundo inteiro.

É consciente desta realidade, que o Comité Central da FRELIMO e o Conselho de Ministros da República Popular de Moçambique, me mandaram para tomar as medidas apropriadas, destinadas a salvaguardar a inviolabilidade das nossas fronteiras, a integridade territorial e a soberania da República Popular de Moçambique. Igualmente me mandaram, para tomar as decisões necessárias para assegurar o apoio internacionalista da FRELIMO, do nosso Estado e do nosso Povo, à justa luta de libertação do Povo irmão de Zimbabwe.

As agressões de Ian Smith já misturaram o nosso sangue ao sangue do Povo de Zimbabwe.

A República Popular de Moçambique, para apoiar a luta de libertação do Povo de Zimbabwe, em conformidade com as decisões da Organização das Nações Unidas e da Organização da Unidade Africana, a partir de hoje, 3 de Março de 1976, encerra todas as suas fronteiras com a colónia britânica da Rodésia do Sul; proíbe qualquer forma de comunicação com o território dominado pelo regime racista; impede a passagem pelo seu território e espaço aéreo de qualquer tráfego de pessoas e mercadoria em proveniência ou com destino à Rodésia do Sul. A República Popular de Moçambique aplica integralmente as sanções à colónia britânica da Rodésia do Sul.

A República Popular de Moçambique confisca todos os bens pertencentes ao regime ilegal, às firmas sediadas no território da colónia britânica da Rodésia do Sul, e aos cidadãos desse território que reconheçam o regime ilegal.

Moçambicanas.
Moçambicanos

Em 25 de Setembro de 1964 para libertar a terra e os homens, a Pátria oprimida, o Comité Central da FRELIMO proclamou a insurreição geral do Povo moçambicano. Hoje, de novo a fim de garantir a defesa do território nacional o Comité Central da FRELIMO chama o Povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo, para defender a Pátria atacada.

Excelências, Senhores Embaixadores e Encarregados de Negócios acreditados na República Popular de Moçambique:

Todos os vossos países condenaram firme e unanimemente a rebelião racista de Ian Smith. Os vossos países preconizaram sanções contra o regime criminoso.

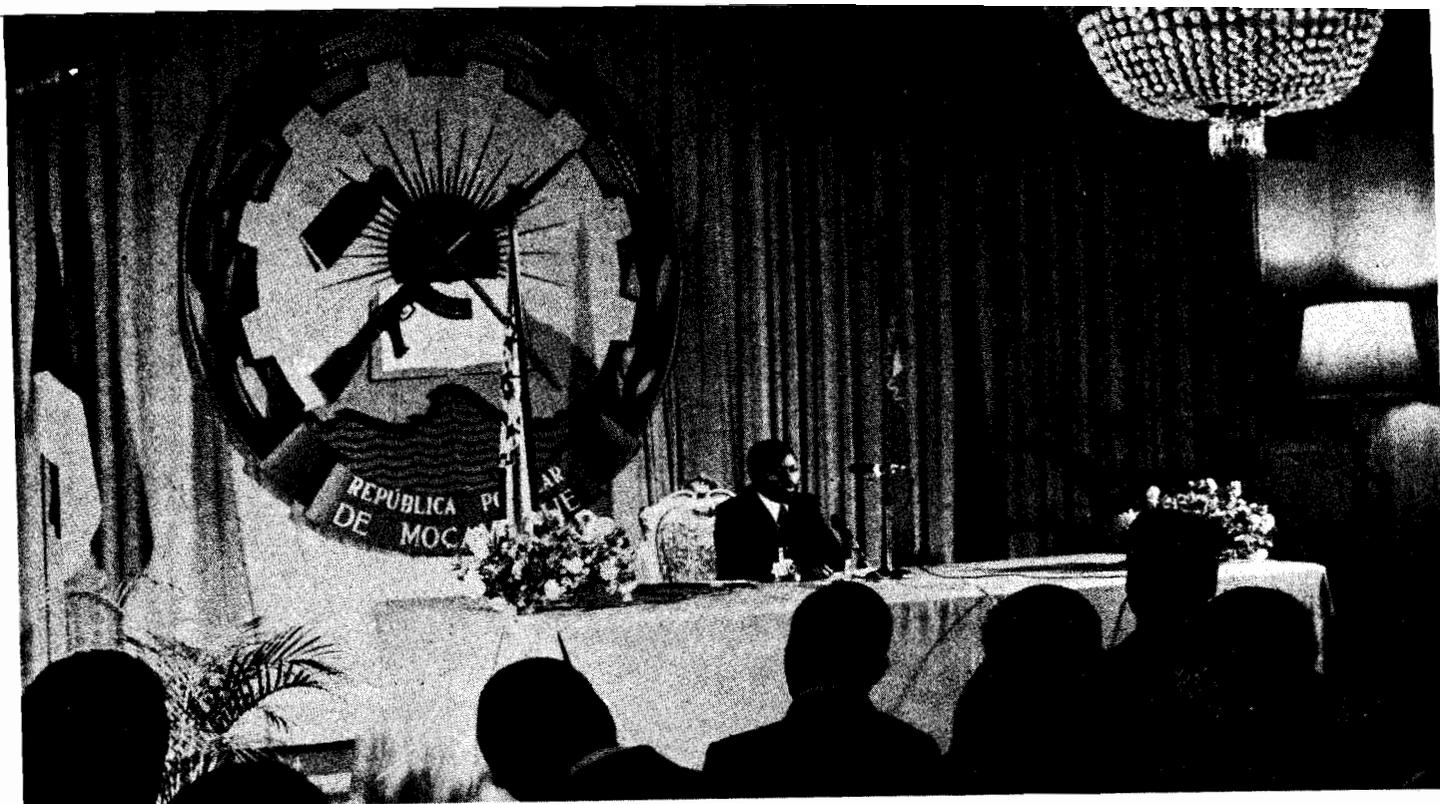
A medida tomada pelo nosso Estado corresponde às exigências de toda a Humanidade em viver livre da dominação colonial e racista.

Este é o combate do Povo moçambicano e também de toda a África, de toda a Humanidade progressista.

Estamos conscientes que os vossos Povos, e os vossos Estados, saberão ser solidários conosco neste momento difícil, em que o nosso



Delegação do ANC do Zimbabwe assistindo à declaração do Camarada Presidente. A esquerda Abel Muzorewa; à direita Chikerema



País é vítima da agressão desencadeada pelo regime minoritário, criminoso.

Dirigimo-nos à África, para que esteja connosco, para que nos apoie na defesa da nossa soberania e na libertação do Continente.

Dirigimo-nos aos nossos aliados naturais, os países socialistas, para que estejam connosco como exemplarmente sempre estiveram, apoiando o nosso Povo trabalhador a defender a sua Revolução e a cumprir o seu dever internacionalista.

Dirigimo-nos a todos os nossos amigos, a todos os Estados que prezam a liberdade e a Paz, para nos apoiarem a defender a nossa Liberdade e a restabelecer a Paz justa na nossa zona.

**Camaradas
Compatriotas:**

Iniciamos uma nova fase da nossa Revolução, uma fase em que o nosso sacrifício, o nosso sangue como no passado, virão fecundar, cimentar e consolidar a nossa Unidade, a nossa Independência, as nossas conquistas revolucionárias.

Combatentes das FPLM e massas populares, unidos vencerão o inimigo, esmagarão o agressor que viola a Paz e vem massacrar o nosso Povo.

Rendemos uma homenagem vibrante a todos os nossos camaradas que se sacrificaram e inspirados no seu exemplo, unidos pela FRELIMO, desenvolvendo a nossa produção,

reforçando a nossa Vigilância construiremos a nossa vitória.

Firmemente dizemos — A LUTA CONTINUA!

**E como ontem repetimos: INDEPENDÊNCIA OU MORTE! VENCEREMOS!
A LUTA CONTINUA!**

— 0 —

A declaração do Presidente da República Popular de Moçambique foi feita às 10.15 horas no Palácio da Presidência. Além dos membros do Conselho de Ministros e quadros Superiores do Partido do Estado e das F.P.L.M. já referidas, encontrava-se presente uma delegação do Conselho Nacional Africano (ANC) do Zimbabwe chefiada pelo bispo Abel Muzorewa. Mais de duas dezenas de representantes da informação nacional e estrangeira fizeram a cobertura do acontecimento para os respectivos órgãos de informação e agências noticiosas.

Durante a alocução, o Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique foi por diversas vezes interrompido com prolongadas salvas de palmas, nomeadamente ao anunciar as medidas que o Comité Central da FRELIMO tomou para fazer face à agressão da Rodésia contra o nosso país e o apoio do povo moçambicano à luta justa do povo de Zimbabwe.

Mais tarde, finda a reunião, os jornalistas puderam contactar algumas das vítimas dos bombardeamentos criminosos dos exércitos do regime minoritário de Ian Smith em Moçambique, internadas no Hospital Militar de Maputo,